

REVISTA

Femass

eISSN 2675-6153

NÚMERO 3 - Jan./jun. - 2021

AS TRAMAS DO VISÍVEL E DO INVISÍVEL NO LIVRO DE IMAGEM

THE PLOTS OF THE VISIBLE AND THE INVISIBLE
IN THE PICTURE BOOK

Rodrigo da Costa Araujo

Mestre em Ciência da Arte (UFF)

E-mail: profrodrigopuc@hotmail.com

 <https://orcid.org/0000-0003-0962-535X>

Recebido: 10.05.2021

Aprovado: 25.05.2021

DOI: <http://dx.doi.org/10.47518/rf.v3i3.41>



Artigo publicado em acesso aberto (*Open Access*) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

FERNANDES, Carolina. *O visível e o invisível da imagem: uma análise discursiva da leitura e da escrita de imagens*. Campinas. São Paulo. Mercado de Letras. 2017. 275p.

Marcos significativos da ilustração na literatura infantojuvenil brasileira são obras de Eva Furnari, Graça Lima, Nelson Cruz, André Neves e Rui Oliveira. Paradigmáticos, esses autores artistas e muitos outros nesse diálogo - pelos seus livros de imagens - renovaram os padrões gráficos e visuais dos livros dirigidos às crianças, modernizando o processo de produção das obras, sem deixar de conferir-lhes qualidade estética e experimental. Definitivamente, o livro de imagem foi fundamental para a transformação dos livros nacionais, do ponto de vista da ilustração e da incorporação de técnicas provenientes de outros meios de comunicação.

Essas características, conjuntamente com vários autores e artistas de livros de imagens no país, especificamente para esse recorte, estabelecem uma ponte criativa entre os gêneros associados às práticas de leitura da infância. Para além dos gêneros associados e das técnicas sugeridas pelos meios de comunicação do mundo impresso, a tecnologia digital suscitou novas possibilidades de expressão que repercutem na produção de livros para crianças. E os livros de imagem não ficaram fora dessa discussão e, por isso mesmo, são excelentes exemplos dessas possibilidades artísticas.

A obra *O visível e o invisível da imagem: uma análise discursiva da leitura e da escrita de imagens* (2017), de Carolina Fernandes propõe justamente um outro olhar para a imagem, um percurso sob a ótica da Análise do Discurso. O recorte considera a imagem como materialidade discursiva, passível de jogo, de desvio ou mesmo de equívoco. Além disso, o argumento e a composição dos dispositivos teóricos-analíticos tratam do funcionamento do processo discursivo de interpretação da imagem seguido dos gestos de leitura e de escrita.

Dividido em nove capítulos, a obra toma como unidade e eixo central a análise do livro de imagens, dialogando com os saberes das Artes, sobretudo as artes visuais. A conexão com esse campo se faz necessária pela especificidade da materialidade em questão que não é apenas discursiva, mas também artística. A articulação entre a Análise do Discurso e outros saberes demanda um percurso singular de estudo que possibilita a reflexão sobre o discurso de interpretação do livro escrito apenas por imagens. Para isso, a leitura opta por dois gestos de produção de sentidos: a escrita e a leitura.

O capítulo inicial - Do Pedagógico ao teórico - apresenta os pressupostos teóricos e o objeto de estudo. Esses pressupostos explicitam o modo de constituição do arquivo da pesquisa, como também são estabelecidas as particularidades do objeto em investigação e seu modo de tratamento nas análises articuladas à teoria. O trabalho com a imagem, nesse sentido, problematiza o percurso e lança alguns questionamentos, dentre eles: “O que há na imagem que faz perturbar os sentidos?”; “É possível dar efeito de unidade em uma narrativa visual?”; “O leitor pode ser considerado autor do texto que lê?” (p.15).

O segundo capítulo - Contornando as bordas para tramar os fios - contextualiza o campo da Análise do Discurso (AD). Ele é o germe do trabalho, sustentado por inúmeras intersecções que determinam os contornos do olhar e da pesquisa. A partir dele, entende-se a compreensão de como funcionam os processos discursivos de leitura e escrita da materialidade que é o livro de imagens.

O capítulo três - Do pêndulo à banda: o campo teórico-metodológico da AD - o mais extenso da obra, integra a constituição do dispositivo-teórico, tece relações entre os conceitos da AD e de suas reformulações em virtude da materialidade em análise. É, nesse capítulo, também, que se constitui a historicidade do livro de imagens e de sua discursividade, mostrando que o lugar discursivo da ilustração onde se produz o livro visual se forma dentro dos domínios das Artes Visuais e toca igualmente, segundo a estudiosa, a discursividade literária, causando um sujeito-autor dividido entre duas posições-sujeito: a de artista visual e a de escritor. Para ela, esse lugar fronteiro e de imbricamentos de posições, na configuração do lugar discursivo do ilustrador, “determina o modo de constituição da função-autor do livro de imagens e de sua textualidade” (2017, p.141).

A influência dessa divisão do sujeito de autoria dos livros de imagens é estudada e analisada no quarto capítulo - A autoria nos livros de imagens. Essa parte aborda a noção de autor conforme a especificidade de composição do texto visual. Em uma seção à parte, discute-se a produção de autoria no contexto escolar, problematizando-a a partir de textos visuais produzidos por alunos do ensino fundamental. Para a estudiosa, a questão de autoria interfere na própria concepção de texto, por isso:

No texto visual [...] não se pode falar de “incoerência”, por não haver o predomínio de uma única posição-sujeito. Dessa forma, no livro de imagem, os recursos autorais funcionam de modo diferente, produzindo efeitos de unidade ao mesmo tempo em que produzem efeitos de dispersão. Esses efeitos que dispersam os sentidos ao invés de detê-los resultam de certos recursos autorais produzidos pela posição do artista visual que afetado pela fruição artística, busca produzir o efeito de originalidade na própria organização da materialidade significante, inovando-a. (FERNANDES, 2017, p.155).

Os processos de teorização e análise dos gestos interpretativos de textos visuais efetuados por alunos do ensino fundamental são os recortes tratados nos capítulos cinco - A autoria na produção dos alunos; e seis - Por um novo imaginário de texto. Ao tratar dos gestos visuais, a ensaísta explora o texto de fruição, de Roland Barthes, e que, por sua vez, fala de ruptura, de desbordamento, de defecção. É uma “esfoladura”, nas palavras do crítico francês. Nessa mesma perspectiva e seguindo as reflexões barthesianas, esses textos fazem vacilar as bases históricas e culturais. Eles, “subvertem a textualidade convencional, rompem com as regras de organização dos parágrafos, de seu encadeamento, da relação entre os dizeres na superfície textual” (2017, p.191).

Essas reflexões seguem aprofundadas no capítulo sete - O processo de leitura do livro de imagem: a leitura como resistência. Ele trata das relações entre discurso e estética no texto de fruição. Para Carolina Fernandes, a transgressão no livro de imagens resulta na resistência da imagem para se colocar como escrita e:

A partir do estudo sobre o sujeito produtor de imagens, também se pode compreender o funcionamento da escrita de imagens por meio do imbricamento de dois domínios de saber: as artes visuais, em especial o domínio da ilustração, e a literatura. Considerar as artes visuais como uma formação discursiva que determina o gesto de escrita do livro de imagens é compreender esse gesto como resultado de fruição estética (FERNANDES, 2017, p. 193).

Em "A representação visual pela similitude e pelo simulacro" - oitavo e penúltimo capítulo recai sobre as produções textuais escolares, perseguindo o modo de funcionamento da representação visual enquanto processo discursivo. As discussões, nesse capítulo, confirmam que o leitor da imagem, nas suas impossibilidades de se atingir a imagem no seu conjunto, contribui com as singularidades de seu olhar, constituindo e movendo sentidos, deslocando, assim, as redes significantes. Para a pesquisadora esses deslocamentos reverberam os simulacros pretendidos e produzem outras associações que, “longe se serem degradações da verdade como as entendia Platão, são percebidas como possibilidades de simbolizar a relação entre homem e mundo” (2017, p. 193).

"O Processo interpretativo do livro de imagens: entre o ver, o ler e o olhar" é o último capítulo que revisita os conceitos da obra e reforça sua importância e atualidade. Nele, corroboram-se os conceitos de interpretação, compreensão, visão e olhar em torno da reflexão do livro de imagens. Portanto, compreender como se interpreta um livro de imagens, sob a ótica discursiva, significa perceber a existência da relação entre sujeitos (leitor e autor) e a materialidade significativa visual que é histórica e ideológica, sugere, também, olhar para o olhar do outro atentamente como se buscasse a própria visão perdida.

O visível e o invisível da imagem: uma análise discursiva da leitura e da escrita de imagens (2017), de Carolina Fernandes, é uma obra imprescindível para leitores de imagens, principalmente aqueles que não se preocupam em tentar capturá-las por meio de descrições e classificações em categorias que fixam o olhar, congelam a visão, desconsiderando do significante visual os seus efeitos escondidos. A obra propõe olhar para a imagem sob a ótica da Análise do Discurso para considerá-la como materialidade discursiva. Contribui, dessa maneira, com a postura de um leitor que pretende desenvolver um lugar de observação para essa materialidade, especificamente para o livro de imagens. Como obra literária, nessa leitura do livro de imagens é pertinente observar como se constrói sua autoria e ainda como funciona o jogo com a sucessão de imagens que altera o campo da visão do estático ao móvel no transpor de suas páginas.

Nutrido por leituras estéticas, pedagógicas e afinado com a Análise do Discurso, o texto/ensaio de Carolina Fernandes nunca insiste pesadamente em suas referências; em vez de fazer saber, ele tenta fazer refletir. Ao mesmo tempo que as examina, é um texto que ilustra/ilumina a ideia da beleza dos gestos de leitura e de escrita. Ele devolve ao receptor a frescura do olhar e, simultaneamente, o prazer empolgante da descoberta e do prazer estético. Só possíveis no silêncio - quando a atenção pode, sem dividir-se concentrar-se inteiramente sobre o que se oferece ao olhar. É esse silêncio do olhar o que o livro de imagens faz, reforçando um lugar de observação específico para a imagem colocada em texto, de onde se pode ressignificar/atualizar conceitos já sedimentados na análise da materialidade linguística, tais como linguagem, texto, autor, escrita, leitura, representação, visão e olhar.

Dessa forma, acreditamos que ler imagens é também perceber as intencionalidades dos produtores deste texto multimodal.